



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

OLHARES DO CINEMA SOBRE OS PROFESSORES

Herbert Glauco de Souza*
(UFMG)

Inês Assunção de Castro Teixeira**
(Universidad de Barcelona)

*El cine nos abre los ojos, los coloca a la
distancia justa y los pone en movimiento.*

Jorge Larrosa Bondía

A emoção é o coração da docência

A. Hargreaves

O cinema olha os professores/as e os descobre inteiramente humanos. Apreende-os, compreende-os, captura-os em sua humana condição. Observa-os e interroga-os, mirando-os em seus encontros e desencontros com as crianças, adolescentes e jovens nos territórios da escola.

O cinema olha os professores/as, reportando-se às salas de aulas, aos corredores, aos pátios, aos espaços escolares das relações do ensinar-aprender, do aprender-ensinando.

*Graduando de Pedagogia pela Faculdade de Educação da UFMG; Bolsista do PIBIC/CNPQ – Projeto de Iniciação Científica “Olhares do cinema sobre os professores”.

**Pós-Doutorado pela Universidad de Barcelona, Espanha(2005); atuação em Sociologia do Conhecimento; professora associada da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O cinema olha os professores e penetra em suas alegrias e dores, angústias e satisfações, venturas e desventuras. Toca em suas dificuldades e realizações, nos sabores e dissabores do ofício de mestre. Penetra nas incertezas e dúvidas dos docentes em seus sempre inacabamentos. Suas incompletudes.

O cinema olha os professores abrindo-se aos limites e potencialidades da docência, de forma atenta, sensível, cuidadosa. Com um olhar que indaga e inquieta. Um olhar que espreita e espera. Que anuncia e denuncia. Um olhar que surpreende.

Algo assim e muito mais é o que se pode ver, ouvir, sentir e pensar diante de alguns filmes da cinematografia contemporânea, cujos argumento e roteiro se desenrolam em torno da escola e seus sujeitos, de seus textos e contextos. Não quaisquer filmes dos dias atuais. Referimo-nos a certo tipo de filme e de cinema. Neste repertório não estão, por exemplo, filmes hollywoodianos exibidos em inúmeras salas de cinema, nos quais os professores são apresentados como salvadores ou heróis.

Aqui, lembramos de obras fílmicas de outra qualidade e sensibilidade estética, ética, poética. Trata-se de outro tipo de abordagem, de uma perspectiva e narrativa fílmica outras. Trata-se de um olhar que permite a *justa distância* nos termos de Larrosa em epígrafe. Trata-se de um olhar que amplia, inquieta e multiplica. Falamos de um tipo de cinema que agrega idéias e beleza à educação do olhar: *que precisa, que ajusta e amplia. Que indaga e convoca. Que evoca*, prosseguindo com a formulação de Larrosa (2007).

Esse tipo de cinema o encontramos em três obras cinematográficas de diferentes diretores, vindas do Irã, da França e do Brasil, recentemente, quais sejam: *“O Jarro”*, de Ebrahim Forouzesh (Irã, 1993); *“Entre os muros da escola”*, de Laurent Cantet (França, 2008) e *“Pro dia nascer feliz”*, de João Jardim (Brasil, 2006). Nestes



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

filmes professores e docência são trazidos à tela em sua humana, desafiante e frágil condição. Neles estão dimensões de uma arte da docência.

Um plano geral: imagens e enredos de professores

Como o professor aparece em *“O jarro”*, esta encantadora obra de Ibrahim Forouzesh? O que este diretor do cinema iraniano nos revela sobre a docência em uma escola de um deserto? Que imagens nos evoca sobre esse ofício?

O filme apresenta em vários tons e matizes, o sujeito sócio-cultural professor em sua condição de pessoa. Em sua humana condição, a partir da estória de um professor em uma pequena escola, com apenas duas turmas de crianças e adolescentes, em um vilarejo do deserto iraniano. Uma escola semelhante às que existem no campo ou em pequeninas cidades do Brasil, com turmas multisseriadas, dentre outras de suas particularidades.

O enredo se desenvolve em torno da rachadura do único recipiente de água existente na escola, um pote fixado no caule de uma árvore, problema para o qual é necessária uma solução imediata, que não seja a longa espera de um novo jarro a ser solicitado ao governo. Estamos, assim, diante da total precariedade física e de infraestrutura da escola, realidade semelhante à de inúmeras escolas brasileiras, inclusive as que João Jardim filmou em seu documentário *“Pro dia nascer feliz”*.

Naquelas precárias condições o professor enfrenta várias dificuldades, sendo a do pote trincado e conseqüente falta de água na escola, a mais central naquela ocasião. Como as crianças não podem ficar sem água, é preciso levá-las ao riacho para eliminarem a sede, momento em que uma delas sofre uma pequena queda na água fria, que irá provocar-lhe febre e a revolta de sua mãe com o professor, caminhos por onde o argumento cresce e emociona personagens e público.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Na tela está um professor completamente envolvido com aquelas crianças, seja quando está na sala de aula, seja quando se está no cômodo que lhe serve de morada junto da escola. Nessas lidas diárias vê-se o seu esforço para que aprendam não somente as letras, mas as condutas devidas e o respeito necessário à convivência entre elas, ora com maior, ora com menor paciência. O mestre parece entender que precisa ensiná-las não somente o alfabeto, mas desenvolver certas atitudes e valores.

Nessas lidas o professor se depara com os costumes locais, sendo mal interpretado em suas ações, levando à decisão de deixar a escola. Uma idéia de que se desfaz mediante o apelo de um ancião da comunidade e depois do retorno de um jovem aluno que fora à cidade comprar um novo pote, depois de tentativas frustradas de consertar o jarro, feitas pelo pai de um dos garotos da escola.

Compondo a trama do enredo vemos a senhora mãe da criança que caiu no riacho, saindo pelo vilarejo com um jumentinho e a criançada, pedindo doações para serem vendidas na cidade, dinheiro com o qual para comprariam de um novo pote de água par a escola. Tal como inúmeras mulheres que não se deixam levar pelas dificuldades, a mãe vai á luta, mesmo que seja incompreendida e mal vista pelos moradores da vila, superando aos poucos os desentendimentos entre ela e o professor. Agora ambos mãe e professor são cúmplices, num solidário esforço para resolver aquele problema da escola.

O filme é elaborado em uma bela e despojada linguagem. As crianças nos tocam e encantam com suas expressões e atitudes. Como outros trabalhos e diretores do cinema iraniano estão em cena garotos e garotas iranianos/as, crianças, mulheres e homens moradores do lugarejo, dando à obra fascinante e pungente realismo. O jarro foi filmado com atores não profissionais. Os intérpretes mal conheciam o cinema até então.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Enredando-se em suave, limpa e lenta cadência, a obra contém algo de lirismo e encantadora beleza. É terna e formosa nas imagens, planos e seqüências que a compõem. Nela nos deparamos com um cinema feito com poucos recursos, porém com enorme sensibilidade e ternura. Um cinema que emociona. Ao assisti-la, nos sentimos muito próximos dos/as professores/as das escolas do campo no Brasil, dos assentamentos rurais, das pequeninas cidades brasileiras, em sua permanente luta contra a precariedade e desprezo das autoridades para com as crianças, jovens, famílias e professores das populações mais pobres do campo e da cidade.

Em *“Entre os muros da escola”* vê-se uma outra paisagem geográfica, cultural e histórica. O professor vive uma outra problemática, em um outro tipo de escola e realidade.

Discutindo com colegas professores e pesquisadores da educação concluímos que o filme não contém nada de propriamente novo para os educadores, quanto ao que vivemos hoje nas salas de aula. O impacto que pode causar nos espectadores talvez se relacione ao fato de que o diretor enfatizou algo pouco debatido fora da esfera escolar, embora seja o elemento que instaura a docência no passado e no presente: a relação docente/discente. Os encontros e desencontros, as tensões e conflitos, a harmonia e a dissonância constitutivas das interações entre adultos professores e jovens alunos nos territórios das salas de aula, são claramente expostos na tela.

Na linguagem e estética fílmica, o diretor se utiliza basicamente de sons locais e de ruídos do ambiente. Não faz uso de música nem de outros recursos sonoros como se ouve em outros filmes. Buscando enfatizar e direcionar nossa atenção para determinado ponto, Cantet Laurent elimina tudo o que poderia desviar o olhar e sentidos dos espectadores para além do espaço da sala de aula. A filmagem deste interior o desnuda através de closes e outros ângulos fotográficos que levam o



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

público a implicar-se com o que ali se passa, a envolver-se com os dilemas do professor. Esse espaço educativo escolar é trazido sem meias palavras, subterfúgios ou maquiagem, desestabilizando posturas e conceitos, ao mesmo tempo em que apresenta algo do que os docentes estão vivenciando hoje em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

Cantet apresenta uma sala de aula que reflete o atual contexto escolar contemporâneo, da França em especial. Nela estão jovens filhos de pais franceses de diversas origens étnico-raciais e imigrantes de várias regiões. A classe do professor François Marin é a própria França dos dias de hoje, imersa em questões étnico-culturais, no multiculturalismo.

O professor François Marin é interpretado pelo autor do livro que deu origem à obra fílmica, escrito por François Bégaudeau, lançado na França em 2006. Ali está um professor às voltas com sua tarefa de ensinar o francês da norma culta aqueles jovens de diferentes origens étnico-raciais. Ali está um professor às voltas com desafiantes situações, exposto a vários tipos de questões, interrogações e condutas dos estudantes, levando-o a tensas e imprevisíveis situações vividas diante daqueles jovens.

Nas cenas e imagens a câmera vai mostrando, com diferentes graus de intensidade, o “clima” daquela sala de aula, através de tomadas, closes e ângulos que retratam as expressões, gestos, tensões e dificuldades vividas pelo professor François, desde seu isolamento reflexivo na cena inicial até suas freqüentes discussões e interpelações recíprocas, entre ele e os jovens alunos.

A precisão e sensibilidade da câmera de Cantet penetra nos personagens e, por conseguinte, nos espectadores, que se sentem como reféns das situações que vão sendo criadas em sala de aula, em vários momentos da filmagem. Desta maneira, este trabalho de Cantet pode provocar choques e até mesmo um sentimento de



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

impossibilidade, além de trazer preocupações e incômodos que reiteram, nas situações que vão sendo expostas, acontecimentos vividos em inúmeras salas de aula das quais educadores e educandos são personagens reais. Os jovens alunos de hoje mantém diálogos e confrontos com seus professores de modo muito semelhante aos do filme.

Pequenos e grandes confrontos, das mais diversas naturezas – desde perguntas sobre a opção sexual do professor até a razão para se estudar algum conteúdo, de um lado, e o desentendimento entre os próprios jovens alunos, de outro, tal como no filme, compõem hoje as interações entre docentes e discentes e entre os próprios discentes no cotidiano das salas de aula.²⁵⁵

A questão da autoridade, por exemplo, fica permanentemente em questão exigindo arte e habilidades dos docentes, que não raro perdem o controle, o zelo e o cuidado que lhes é devido para com os adolescentes e jovens. De igual forma, o modo como eles, jovens, interrogam e enfrentam os docentes é também problemático fazendo-nos ver a sala de aula como um microcosmo da vida social e como um tempo-espaço de encontros tanto quanto de desencontros e conflitos. Espaços polissêmicos de negociação de interesses e tensões.

Os professores têm encontrado cada vez mais jovens alunos que olham dentro de seus olhos e que os intimidam, desafiando sua autoridade. Ou melhor, exigindo que os docentes refaçam conceitos, repensem suas maneiras de ver os ditos alunos, que compreendam melhor as culturas juvenis, refazendo seus modos de compreensão e ação na sala de aula e na escola. Vai sendo posta à prova a autoridade docente e sendo recomposta a antiga questão dos limites entre autoridade e autoritarismo.

²⁵⁵Pesquisa recente, realizada em vários países, evidenciou o tempo gasto pelos professores durante o período de suas aulas, no quais eles se ocupam em chamar a atenção dos adolescentes e jovens, convocando-os a se implicarem e envolverem com a aula, chamando-as à participação efetiva. Os dados demonstram que esta – o envolvimento dos adolescentes e jovens com as aulas - é uma problemática de várias partes do mundo e não apenas francesa ou brasileira, como vimos nesses filmes de Laurent e de João Jardim.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

É também provável que os docentes que se identificam com aquele professor francês, tenham visto o filme como denúncia de uma realidade que lhes é corriqueira. Muitos professores que assistem a película se enxergam nas lentes de Cantet, fato que talvez possa explicar, dentre outros, a enorme repercussão da película entre o professorado.²⁵⁶ Em outras palavras, pode-se dizer, que as lentes de Cantet revelam em suas opções estéticas, um *ethos* docente, um modo de ser de muitos professores, implicados em incertezas e ambigüidades, em limites e possibilidades.

A objetiva de Cantet lança luminosidade e força sobre a vida cotidiana de um docente, sobretudo em seus tempos em sala de aula. E não seria essa uma das responsabilidades do *cinema*? Mostrar algo corriqueiro, e porque corriqueiro algo que fica despercebido ou naturalizado, devolvendo-lhe a importância, devolvendo-lhe a ênfase, demonstrando o poder do cinema e da ética cinematográfica. E não seria o bom cinema uma linguagem que desconcerta, que desconstrói e desnaturaliza?

Saindo da sala de aula, em algumas seqüências fílmicas, a câmera se desloca por alguns minutos para a sala de professores da escola, para os corredores e pátio do prédio e para o gabinete do diretor, ainda que quase toda a duração do filme se desenrole na sala de aula. Nesses outros tempos e espaços da escola, revela desde as futilidades de uma conversa do grupo de professores da escola sobre a aquisição de uma máquina de café, até uma discussão entre eles sobre a necessidade arranjar dinheiro para pagarem um advogado de defesa para que a mãe de um dos jovens alunos não fosse deportada para seu país, pois vivia ilegalmente na França.

Estão também nas telas, situações mais tensas que revelam, entre outras questões, as hesitações e dificuldades dos docentes em uma sessão de um conselho de

²⁵⁶Depois de assistirem ao filme “*Entre os muros da escola*” de Laurent Cantet, alguns/as professores/as fizeram o seguinte comentário: “*Estou como se eu tivesse acabado de sair de uma sala de aula ou terminando uma aula*”. “*É isso mesmo que acontece dentro da sala de aula*”. “*Me senti como se eu fosse o François Marin*”.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

classe e também do Conselho Disciplinar que julgaria a hipótese de expulsão de um dos estudantes da turma. Neste sentido, assim como em todo o roteiro, estamos longe das visões messiânicas sobre os professores. Ao contrário, a obra de Laurent traz á cena esses profissionais em suas fragilidades, vivendo desafios e dilemas relativos ao exercício da docência nos dias de hoje, cada vez mais atravessada por graves questões sociais, que extrapolam o mundo da escola. Ali estão eles e elas, os sujeitos sociais professores, imersos em angústias, interrogações, dificuldades. Não raro, em desesperanças. François Marin não é um professor imune às paixões humanas da raiva e da cólera, Marin não é um Deus. Ele falha, hesita, perde a paciência, destempera nas palavras, revelando-se por inteiro, em suas grandezas e debilidades, limites e virtudes humanas.

Em outro plano, vê-se os jovens e as jovens alunos/as imersos em angústias, em perguntas, em problemas os mais diferentes: familiares, sociais, culturais, etários. Vivendo as alegrias e vigor da mocidade em uma sociedade marcada pela exclusão, ou melhor, por uma inclusão subalterna, pela xenofobia, pelo etnocentrismo, pelas desigualdades sociais em suas diversas variações e gradações. Uma sociedade na qual o sentido da república vai se desfazendo passo a passo.

Estamos, pois, diante de uma dramática juvenil. Estamos diante de desafios e sobressaltos juvenis de várias ordens. Estamos diante de problemas e ameaças à vida e á felicidade de todos em qualquer parte e lugar, questões que aqueles meninos e meninas percebem claramente.

Os dramas da condição humana e os males presentes na vida social do presente reverberam sobre as relações e vínculos, sejam eles entre os próprios pares juvenis, sejam entre os jovens e seus professores, sejam entre os jovens e a escola. Ali está posta à prova a autoridade do mestre, que representa para adolescentes e jovens, não somente um mediador de seus aprendizados, mas toda uma lógica social, todo um



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

modo de organizar as desigualdades econômicas e hierarquias sociais e culturais, que aqueles jovens, que aquelas jovens interrogam e questionam à sua maneira.

Passando ao documentário brasileiro de João Jardim, *“Pro dia nascer feliz”* (Brasil, 2006), com quais imagens e enredos de professores nos deparamos? Que docentes e qual docência são trazidos à tela?

Nesta recente obra da cinematografia brasileira, além de estarmos diante de um outro gênero fílmico, o documentário, o foco recai sobre os adolescentes e jovens alunos, mais do que sobre seus professores/as. Estes aparecem compondo as seqüências e planos, em se tratando de realidades escolares, mas não estão no centro. Nele estão adolescentes e jovens de escolas públicas de grandes e de pequenas localidades brasileiras, além de uma estabelecimento particular de ensino de São Paulo.

Na tela estão fragmentos de suas vidas e histórias não somente escolares, mas familiares e sociais de um modo geral, trazidos em relatos, depoimentos e imagens destes garotos e garotas, nos quais vamos nos encontrando com seus dilemas, com seus problemas, como seus lamentos e sentimentos, com seus conflitos, esperanças e desesperanças. Nas cenas e imagens juvenis vamos nos encontrando com o vigor da juventude, com suas ousadias e possibilidades, com suas angústias e alegrias. Ali estão eles e elas, jovens brasileiros, com seus projetos e sonhos, com suas vidas e histórias individuais e coletivas.

No documentário é possível não somente vê-los, nossos garotos e garotas alunos, mas escutá-los através da sensibilidade imagética e humana do roteiro e câmera de João Jardim.

Um trabalho de alta qualidade, sensibilidade e reflexividade, o documentário deste cineasta brasileiro é também exemplar, no que se refere à problemática das desigualdades sociais e escolares trazidas à tela. Estas são vistas e ditas desde a



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

estrutura física das escolas, até as conversas, os projetos, os modos de viver e de ser, de se vestir e se mostrar revelados pelos jovens alunos e alunas de uma escola e outra, estudantes das instituições públicas e da escola confessional particular filmadas.

Nas escolas vistas por dentro, estão de um lado a precariedade, a carência física da arquitetura e do mobiliário dos estabelecimentos públicos em suas várias gradações. E, de outro, o seu inverso: a jardinagem, as paredes com bom acabamento, as salas de aula mais amplas e renovadas do educandário particular. Muito embora em um e outro caso existam os mesmos rituais da cultura da escola, visíveis na organização e esquadramento do tempo e do espaço escolar, nas hierarquias e práticas escolares, nas carteiras enfileiradas, na sistemática das aprovações e reprovações dos estudantes.

E o que dizer das escolas vistas de fora? O documentário é também rico e sugestivo a este respeito: pelo que contém sobre as imbricações existentes entre a escola e a sociedade de um modo geral. Tanto nas tomadas externas aos prédios escolares, quando a câmera percorre estradas, bairros, feiras, moradias das pequenas e grandes localidades, quanto nos depoimentos dos estudantes e profissionais das escolas, vamos entendendo que grande parte dos problemas da escola e daqueles jovens, refletem, têm origem e se relacionam com as estruturas e dinâmicas sócio-históricas.

Forte presença e inventividade no documentário de João Jardim é, ainda, a perspectiva temporal a que nos remete e à tarefa histórica a que nos convoca. Ou melhor, às responsabilidades sociais a que nos conclama, brasileiros e brasileiras, e não somente os/as educadores/as. Tendo iniciado o documentário com a projeção de estatísticas e antiga imagens em preto e branco de reportagem sobre os jovens no Brasil dos anos 60, entre elas a filmagem de um garoto abrindo um carro para um



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

roubo, depois de registra o quadro atual, o diretor apresenta nas imagens que finalizam a película, algumas crianças de creche carregando pratinhos de mingau em suas mãozinhas, olhando candidamente para a câmera, quiçá para o indeterminado. Olhando insistentemente para a câmera, quiçá em busca de compaixão.

Não há quem não se comova, ou talvez quem não se mova, com esta “dádiva” de João Jardim ao espectador. Não há quem não se interrogue sobre como será o futuro daquelas frágeis crianças, pobres infantes. Nesse arranjo temporal, nas temporalidades com as quais o diretor monta o trabalho, pode estar a razão do título do documentário, recolhido de Cazusa.

Surpresos/as, estarecidos/as, compadecidos/as, é provável que neste momento espectador e espectadora se interroguem, perguntando: será possível, posto que é necessário, erigir para estes infantes um dia de nascer feliz? Não seria urgente e justo fazer algo “Pro dia nascer feliz?”, não somente para os jovens brasileiros do documentário, como também para aquelas crianças, de modo que uns e outros, quando adultos, possam se lembrar de vidas e histórias havidas com mais dignidade e alegrias?

Vários são os méritos desse trabalho de João Jardim, que esperamos possa servir de exemplo para outros cineastas brasileiros que se disponham a tratar de questões da escola. Que desejem se debruçar sobre as infâncias e juventudes brasileiras, do passado e do presente, pensando sobre o que têm hoje e o que terão amanhã, como sujeitos de direitos e como humanidade.

Um close: evocações, convocações



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O que nos evocam e a que nos convocam estas três grandes obras da produção cinematográfica atual da França, do Irã e do Brasil, quanto às vidas e trabalho dos/as professores/as?

Observando o professor iraniano de *“O Jarro”*, o prof. Marins de *“Entre os muros da escola”* e vendo/ouvindo os depoimentos das professoras do documentário brasileiro, ficam gravado nas telas os professores em sua humana condição. Ali estão eles e elas como sujeitos sócio-culturais, com suas histórias individuais e coletivas. Com seus corpos, conhecimentos, emoções. Com suas tensões e conflitos, frente ao exercício do ofício docente e às angústias de homens e mulheres adultos nas sociedades contemporâneas. Diante deles estão as novas gerações que precisam ser inseridas na cultura, na sociedade e na história, apropriando-se da memória cultural de seu grupo, para que sejam capazes de protagonismos sociais e históricos na reinvenção do mundo.

O professor iraniano, por exemplo, se impacienta, se cansa, se deixa afetar pelas ditas fofocas das crianças e da população do lugarejo, decidindo até mesmo deixar a escola e comunidade na qual trabalha. Ali está, em uma escola do deserto, um professor em sua inteira condição de sujeito sócio-cultural: um homem, adulto, com certos valores e costumes. Ali está um sujeito por inteiro, do qual uma parte é o professor. Ele ali está, nas cenas as mais banais: lavando suas roupas, escrevendo à sua mãe, dividindo com as crianças a geléia que esta lhe enviou. Ou, ainda, pensando em como resolver o problema do pote de água trincado, que deixa sem água as crianças em uma escola no deserto.

Se formos até a escola francesa, nela está o professor Marian, de *“Entre os muros da escola”*, em sua humana condição. Ora tem mais calma e lucidez em seus gestos e palavras com os jovens estudantes, ora se deixa levar por ímpetos e



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

expressões verbais menos comedidas, revelando certa impaciência e descuido no trato com os garotos e garotas alunos.

E o que dizer dos docentes e da docência filmados em *“Pro dia nascer feliz?”* Além de sabermos que eles existem realmente, porque trata-se de um documentário realizado em escolas brasileiras, ali estão mulheres e homens docentes. Diferentemente dos dois outros filmes, nos quais o argumento se desenvolve em torno de um homem professor, no trabalho de João Jardim, somente professoras são ouvidas e filmadas. Os docentes homens, caso tenham sido ouvidos e filmados pelo diretor, não foram trazidos à montagem e edição final da obra. Nela há somente uma cena em que vemos um professor com um jaleco branco, passando pelo corredor de uma das escolas filmadas.

Nos depoimentos e imagens das professoras ouvidas e filmadas, entre elas Celsa, uma jovem docente, vê-se mulheres comuns, como quaisquer outras: negras, brancas, entre trinta e cinquenta anos, provavelmente, tal como as encontramos nas escolas brasileiras públicas ou privadas. Elas falam de si mesmas, de suas frustrações, de suas esperanças e desesperanças com o magistério, com os meninos, com a escola, e com o mundo de modo geral. Suas narrativas remetem à sua condição de mulheres professoras, que têm que se dividir, desdobrar, multiplicar entre a docência e o estudo, entre saúde e doença. Entre o trabalho na escola e as tarefas de dona de casa e, não raro, de mães, provavelmente.

Trata-se de mulheres reais, que precisam de terapia para suportar os desafios da docência, a que Celsa se refere em um dos momentos de seu depoimento. Ali estão professoras que têm dúvidas sobre como proceder com os meninos, a exemplo do que se vê na filmagem de um conselho de classe. Elas se alegram e se angustiam, como também se preocupam com os garotos e jovens com quem trabalha, tal como suas colegas que habitam outras escolas brasileiras a cada dia.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Nas três películas está exposta não somente a condição docente, mas a humana condição dos professores e professoras. Em seus corpos, gestos, expressões capturados pelos ângulos, planos, tomadas e enquadramentos das câmeras, estão pessoas concretas e comuns, de carne e osso. Ali não estão anjos nem duendes. Ali não estão sacerdotizas nem atrizes representando um papel, ali não estão seres especiais, mas simplesmente humanos. Sujeitos sociais com potencialidades e limites inscritos em seus corpos, gestualidades, pensamentos, palavras e atitudes.

Há momentos em “*O jarro*” nos quais se vê o professor com um fisionomia cansada e amargurada. Ou mesmo preocupada, como nas cenas em que ele cuida do garoto que caiu no riacho para onde havia levado as crianças para beberem água.

Nas três obras filmicas vemos não somente o corpo docente daquelas escolas (no caso de “*O Jarro*”, um único professor), mas docentes corpos expostos aos meninos e meninas educandos/as, nos tempos e espaços da sala de aula. Ali onde o corpo é a forma primeira, é o modo pelo qual uns e outros, docentes e discentes se relacionam e se constituem como tal. São também lembrados no documentário, nos depoimentos de alguns jovens, das professoras e diretoras das escolas, os mestres que não estão na escola, porque faltam às aulas por várias razões²⁵⁷. Especialmente por questões de saúde e desgaste psíquico, os adoecimentos.

Naqueles docentes corpos diante da turma, nas relações face a face próprias da educação presencial, não estão sacerdotes nem sacerdotisas, não estão mães nem pais, não estão heróis nem heroínas. Embora possa haver na docência algo da

257O absenteísmo docente nas escolas públicas de Educação Básica é um dos graves problemas existentes hoje no Brasil, tal como constatado em observações do cotidiano das escolas, em pesquisas a respeito e, como esperado, em depoimentos de docentes e jovens alunos no documentário de João Jardim. Estudos, embora incipientes, revelam altos índices de adoecimento dos professores no Brasil, associados, ao absenteísmo. Em especial, adoecimentos psíquicos influenciado pelo desgaste existente no trabalho docente nos dias atuais, realizado sob precárias condições materiais, simbólicas e emocionais, começando pela sobrecarga de horas de trabalho oriundas dos baixos níveis de remuneração do magistério da Educação Básica.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

maternidade e da paternidade, ali estão, sobretudo, trabalhadoras e profissionais da escola em sua humana condição. Ali estão, ainda, pessoas que se alegram e se entristecem. Que se frustram e gratificam. Que dizem sim e não. Que duvidam, que se preocupam e ocupam com o ofício de mestre, sem qualquer romantismo, pois que mergulhados na dramática da docência. Imersos em certezas e incertezas, vivendo e se expondo inteiramente aos limites e possibilidades deste ofício em nossos dias, nos mais diferentes tipos de escolas, países, lugares, em múltiplas geografias e coreografias.

Fica também visível nos três filmes, e não poderia ser diferente quando falamos de professores e escolas, o trabalho do ensinar: é preciso transmitir e reinventar com as novas gerações os conhecimentos sistematizados pelas culturas. Pela ciência, mais especificamente. Nos termos atuais, os conhecimentos relativos aos diversos campos disciplinas. Por isso nos filmes há aulas de história e de literatura, como em algumas cenas de *“Pro dia nascer feliz”*; há aulas de francês, em *“Entre os muros da escola”* e o trabalho de alfabetização na sala de aula de *“O jarro”*.

Sobretudo nos dois primeiros filmes, aparecem claramente as tensões, as dificuldades, os desafios existentes hoje para os professores, às voltas com o envolvimento, o interesse, o gosto dos adolescentes e jovens pelas aulas e conteúdos disciplinares. Os jovens da escola francesa, por exemplo, querem saber por que devem ler tal livro, por que e para quê precisam aprender isso e aquilo.

Nas cenas e imagens do filme de João Jardim e de C. Laurent, as expressões corporais e faciais, os gestos, as atitudes de não envolvimento e de desinteresse dos adolescentes e jovens por aquele tipo de aulas são notórios. Evidenciam uma permanente tensão, um constante desafio e desgaste enfrentado pelos docentes no sentido de motivar, de interessar ou de implicar os adolescentes e jovens com a aula, envolvendo-os com o que nela se passa.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Já em *"O jarro"* esta tensão é menor, quando não inexistente. Provavelmente pela faixa de idade dos educandos. Aqueles meninos e meninas, crianças, parecem mais conformados e dóceis para com o professor, embora lhes tragam problemas de outra ordem. Eles têm modos de agir que exigem do professor compreensão e paciência. Exigem um constante exercício de alteridade nas lidas com as crianças, com seus pais e a comunidade, que acompanham o que se passa na escola através do que os meninos dizem, do que eles contam sobre a escola quando retornam às suas casas.

Uma vez que a docência se funda em uma relação intersubjetiva entre adultos, crianças e jovens e que se realiza nos territórios da escola, uma relação mediada pelos processos de formação humana e construção do conhecimento, as idades/ciclos da vida nela são essenciais. Um professor mais jovem terá, portanto, diferenças face a um mais velho, assim como exercer a docência é diferente em turmas de crianças, de adolescentes, de jovens ou de adultos do campo ou da cidade.

Circunscrevendo a docência e as interações entre adultos, jovens e crianças docentes e discentes no interior da sala de aula dos três filmes, vê-se a escola: o cenário. A instituição escolar moldura o ofício de mestre e o ofício de aluno. A forma e cultura escolar definem e instituem suas possibilidades e limites, embora neles estejam sempre presentes a ação dos sujeitos nas práticas instituintes.

Por ser assim, a escola e, sobretudo, a aula e a sala de aula são sempre um risco. São uma construção, uma orquestração, podendo nelas haver afinações e desafinações. Harmonias e dissonâncias. Podem nelas haver sabores e dissabores para docentes e discentes, como se vê em variadas cenas e situações evocadas ou expostas nos três filmes.

A escola é personagem central nas três obras fílmicas. Nelas aparece de forma completa: na infra-estrutura físico-arquitetônica, nos mobiliários; nas normas, hierarquias, rituais, práticas e processos didático-pedagógicos instituídos. São



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

também visíveis os diversos tempos e espaços que a constituem, como também as ações imprevisíveis, inéditas, surpreendentes dos sujeitos educandos e educadores que co-habitam esse território.

Para além da escola e ampliando, o ângulo de visualização e elaboração fílmica e assim ampliando a perspectiva e ângulos de filmagem e apreensão, os três filmes contém em seus argumentos e roteiros, o que está fora da escola. Seja quando deslocam a câmera para o seu entorno mais próximo, seja quando a dirigem para uma topografia mais distante, seja quando professores e jovens alunos se remetem a problemas de suas vidas fora da escola, seja trazendo à tela imagens e planos, cenários e cenas extra-escolares, os diretores indicam, sem necessidade de maior esforço reflexivo, que a escola está dentro de um plano maior: a sociedade e a história que as circunscrevem.

Há no filme iraniano e no documentário brasileiro, tomadas e seqüências com planos e enquadramentos que nos levam aos bairros e demais espaços onde as escolas se localizam. Em um e outro caso, há tomadas das cidades, de estradas, das entradas e saídas das escolas, das feiras, das casas onde os adolescentes e jovens residem. As câmeras capturaram as periferias e um bairro de elite do Rio de Janeiro e de São Paulo e as ruelas do vilarejo iraniano. Em *“Entre os muros da escola”*, diferentemente, não há qualquer tomada ou imagem que extrapolem a escola. O filme se desenvolve entre as paredes da escola, entre seus muros, literalmente, conforme indicado em seu próprio título. Contudo, o contexto sócio-histórico se manifesta por dentro dos muros da escola. Penetra e se instala na dinâmica da sala de aula e da escola, a exemplo das questões étnico-raciais, das juventudes juvenis, da migração e das desigualdades sociais que perpassam o argumento fílmico.

Neste sentido os três filmes nos auxiliam no entendimento de que a escola só pode ser compreendida se associarmos o que se passa em seu interior com o seu



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

exterior. É necessário entender no seu interior o que vem do lado de fora: a sociedade em que se insere, que nela penetra, que nela se reflete.

Estamos, também, diante de instituições burocráticas, no caso das escolas brasileiras do documentário de João Jardim e da escola francesa filmada por C. Laurent. E de uma escola que se assemelha a uma casa em *“O jarro”*. O professor iraniano mora nas dependências da escola, tal como vemos em escolas do campo no Brasil de ontem e de hoje.

Para além do que há de comum nos três filmes, estão as especificidades de seus argumentos e roteiros.

Uma primeira diferença entre eles, além de seus diferentes países de origem e diretores, é o gênero fílmico, visto que *“Pro dia nascer feliz”* é um documentário e os outros dois, uma ficção. Embora em *“O Jarro”* e em *“Entre os muros da escola”* possa haver forte verossimilhança com a realidade de uma escola no deserto e de um certo tipo de escola existente na França, respectivamente, o filme francês tem origem em um livro enquanto o iraniano foi uma criação genuína.

É também notória a diferença dos contextos sócio-culturais em que as escolas se localizam: o mundo europeu, o mundo árabe e universo latinoamericano. Ainda que não houvesse outras, esta diferença seria suficiente para diversificar as paisagens, os costumes, as condutas, as imagens e cenários trazidos à tela. Ainda que os três filmes focalizem a escola e seus sujeitos, retratando seus aspectos comuns, temos três distintos universos.

Ainda no que se refere às escolas destaca-se no caso da película iraniana, o fato de que se trata de uma escola semelhante as escolas do campo no Brasil, nas quais existem poucas turmas ou apenas uma, as salas multisseriadas. E embora em *“Pro dia nascer feliz”* algo da educação do campo também esteja em pauta, ali está anunciada



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

somente no que tange ao problema do transporte dos adolescentes e jovens até a escola das cidades.

Por certo que estes distintos elementos do contexto escolar e social mais amplo iriam matizar os modos de ser, de estar, de viver, de fazer, de sentir e pensar a docência. A este respeito, embora de um modo geral os problemas e a condição docente dos professores dos três filmes se aproximem, existem também diferenças. Uma delas é o fato de que enquanto nos dois filmes estrangeiros vê-se professores, homens, no documentário brasileiro temos somente mulheres ouvidas e filmadas.

Outra diferença é que está enquanto as duas películas estrangeiras, contrariamente à brasileira, centralizam o roteiro e o enredo em um único professor. Contudo o mestre francês aparece, predominantemente, na sala de aula, enquanto o iraniano é focalizado neste e em outros espaços da escola e de fora dela. O professor de *"O jarro"* visita a casa de uma criança, depois de percorrer as ruelas do vilarejo e ele caminha até o riacho para os garotos beberem água. Além disso, diferentemente de seu colega francês, ele mora na própria escola onde trabalha.

De outra parte, embora os três filmes dêem maior ênfase nos problemas, em aspectos sombrios da escola, eles contém luminosidades. Nas três obras estão presentes os esforços dos professores na construção dos processos educativos escolares, visíveis em algumas de suas condutas, ações e em sua dedicação aos trabalhos com as crianças, adolescentes e jovens alunos. Projetos e sonhos estão inegavelmente presentes em alguns trabalhos e experiências que as crianças, adolescentes e jovens vivem nas escolas, mediados pelos docentes, além do aprendizados do be a bá e conteúdos disciplinares.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Último plano: de cinema e da docência

Numa tomada final é pertinente destacar como o bom cinema pode denunciar, esclarecer e anunciar. Pode discutir realidades muitas vezes despercebidas para milhares de pessoas, até mesmo os próprios professores e autoridades educacionais, no caso destas três obras fílmicas. É o cinema denúncia, que denunciando pode ser anúncio de devires e possibilidades.

Nestes três filmes está um cinema que nos faz compreender, entre outras tantas questões, que não basta atribuir a solução dos problemas de uma sociedade à educação e à escola, exigindo seus profissionais os solucionem. Esta é uma falsa questão, é um projeto irrealizável e uma engenhosa, embora enganosa proposição. A instituição escolar e seus sujeitos estão inseridos em cenários e contextos mais amplos, para além dos muros da escola, mesmo quando estes procuram separá-la das localidades e populações de seus entorno mais próximo ou distante. Mesmo quando cimento e ferro buscam segregar e afastar a escola das comunidades e do mundo, isso não é possível. Eles penetram por todos os seus orifícios.

O cinema como manifestação artística pode revelar e interrogar o mundo no qual vivemos, as transformações pelas quais passamos, assim como as estruturas, práticas e relações sociais que permanecem nas curtas, médias e longas durações históricas. Nesta perspectiva, na qual o cinema nos expõe a nós mesmos, em nossas ações e realizações ao longo das temporalidades históricas, não poderiam faltar produções cinematográficas que tematizam a escola e seus atores no interior da sociedade e culturas.

E ainda que pensemos que em certo sentido, o cinema não faz nada do outro mundo, é inegável que sua linguagem pode conseguir muito. Pode realizar a façanha de tornar atento o nosso olhar para a própria vida, retendo nossa atenção para que



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

não se desvie para outra direção. O cinema pode ampliar e modificar nossas visões do aqui e do acolá, de ontem e de hoje, deste e daquele mundo, destes e daqueles grupos humanos.

Neste sentido, a ética e a estética do bom cinema podem ser fecundas e profícuas num tempo em que as pessoas estão apressadas, não param para observarem com cuidado e zelo, para contemplarem, ressignificando o mundo e buscando humanos sentidos para sua presença e protagonismos. Por esses planos, a ética e a estética do bom cinema podem nos chamar novamente para a vida. Podem devolver à vida a sua ênfase.

E ao entrar na escola o bom cinema de que aqui falamos, nos remete ao mundo, aos sujeitos, às sociedades, às culturas, à história. Leva-nos a umbral dos quais é preciso observar os tempos e espaços escolares para melhor compreendê-los em sua dinâmica interior e em seu exterior. A partir da sociedade que a circunscreve, tanto quanto a quanto a limita e restringe, a escola se torna mais compreensível para os que pretendem deslindar o que nela se passa e o que dela se espera, tal como estes diretores foram capazes de fazer.

Para finalizar, retomando as epígrafes deste trabalho recolhidas de Larrosa e de Hargreaves, talvez possamos dizer que estas belas obras fílmicas de Cantet Laurent, Ebrahim Forouzesh e de João Jardim, nos *abrem os olhos colocando-os na justa distância e movimento*, dentre outras razões porque evocam a docência no que ela está inteiramente implicada: *a emoção*.

E assim fazendo, estes diretores nos convocam a pensar e compreender a docência e os docentes no que neles há de mais íntimo e fundamental: sua humana condição. Tal como lembrado por Úrsula (2009), esta é uma lida, um ofício, uma arte “que não pode abarcar somente seu significado em si, mas passeia constantemente conturbada entre o ser humano e seus limites.”



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

REFERÊNCIAS

- BÉGAUDEAU, François. *Entre os muros da escola*. Trad. Marina Ribeiro Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LARROSA, Jorge. El rostro enigmático de la infancia. A modo de presentación. In: Larrosa, Jorge; Teixeira, Inês A. Castro & Lopes, José Miguel de Sousa (compiladores). *Miradas cinematográficas sobre la infancia: niños atravesando el paisaje*. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2007.
- TEIXEIRA, Inês A.C. & LOPES, José de Souza Miguel (orgs). *A escola vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- RÖSELE, Úrsula. *Entre os muros da escola*. Revista Filmes Polvo, junho de 2009 (*online*).
- HARGREAVES, Andy. *Os professores em tempos de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Lisboa: Mc Graw Hill, 2001.